



L.J. Smith

CONTOS de
**DIÁRIOS do
VAMPIRO**



Bonnie & Damon:
Depois do Expediente

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

CONTOS de
DIÁRIOS do VAMPIRO

*Essa é uma pequena doce história com um pouco de violência. Não é
um grande distúrbio, mas esteja atento...*

L.J. Smith

Descobriu que queria ser escritora em algum momento entre o jardim de infância e o primeiro ano. Muitos de seus livros foram inspirados nos próprios pesadelos. O primeiro romance, *The Night of the Solstice*, foi publicado no ano em que ela se formou na faculdade.

Atualmente, vive na Califórnia com um cachorro, três gatos e cerca de dez mil livros. A série Diários do Vampiro foi lançada originalmente em 1991.

série Diários do Vampiro

O Despertar

O Confronto

A Fúria

Reunião Sombria

série Diários do Vampiro: O Retorno

Anoitecer

Almas Sombrias

Meia-Noite

série Diários de Stefan

Origens

Sede de Sangue

The Craving

The Ripper

The Asylum

The Compelled

série Diários do Vampiro: Caçadores

Espectro

Moonsong

Destiny Rising

série Diários do Vampiro: A Salvação

Unseen

Unspoken

TBA

Contos de Diários do Vampiro

Matt & Elena: Primeiro Encontro (se passa antes da série original)

Bonnie & Damon: Depois do Expediente (se passa durante a série original)

O Sangue Dirá (final alternativo de *Reunião Sombria*)

As Árvores (se passa após *Reunião Sombria*)

Matt & Elena: Décimo Encontro no Lago Wickery (se passa antes da série original)

O Natal de Elena

L.J. Smith

CONTOS de
**DIÁRIOS do
VAMPIRO**

Bonnie & Damon:
Depois do Expediente



Bonnie McCullough laboriosamente digitou em seu laptop, enquanto lia a partir de um Post-it rosa uma nota coberta de uma agradável caligrafia arredondada que incluía pequenos círculos sobre os is: *A Consciência de uma Rainha*.

Era seu relatório de história, que determinaria trinta por cento de sua nota no primeiro semestre de História Europeia. E ela tinha uma boa ideia para isso, realmente uma boa ideia: original, fácil de entender e provocadora de pensamentos. O que, então sua teoria seguiu, poderia vir a ser da Inglaterra se Catarina de Aragão não tivesse sido tão obediente ao marido que a havia rejeitado, e tivesse aliado-se a Espanha (de onde ela veio, em primeiro lugar), e então comandado essas forças combinadas ao ingleses que ainda eram fieis a ela para batalhar com o exército de Henrique VIII. Ela foi aconselhada a fazê-lo muitas vezes, e apenas ela recusava a usar armas contra o seu marido. Catarina poderia ter sido capaz de estabelecer sua filhinha, Mary, com sucesso como herdeira, em vez de deixar Henrique ter sua maneira em tudo; e a segunda filha de Henrique, Rainha Elizabeth, nunca teria nascido.

Nada de Rainha Elizabeth! Nada de Sir Walter Raleigh! Nada de Império Britânico — provavelmente nada de América! Nada teria acontecido da maneira que tinha acontecido até os tempos modernos.

Uma feroz enorme pilha de livros de história pairava sobre Bonnie a sua direita. Uma igual formidável pilha se debruçava a sua esquerda. A maioria deles tinha Post-its presos neles, onde ela havia encontrado evidências para ajudá-la em sua teoria.

Havia apenas um problema, Bonnie pensou, sua pequena cabeleira de cachos avermelhados quase desfalecendo sobre a mesa da biblioteca. O relatório era justo para o dia depois de amanhã e tudo que ela havia escrito era o título.

De alguma maneira ela tinha que combinar os fatos destes livros que suportavam evidências que sustentavam sua teoria. Outros fatos estavam esperando por ela fora dali na Web, representados agora pela alegremente acesa tela do computador em sua frente. Mas como, como tornar coerente um artigo deles em apenas dois dias.

Claro, ela poderia pedir por uma extensão. Mas ela poderia

bem imaginar a cara do Sr. Tanner se ela o fizesse. Ele a embarçaria impiedosamente na frente da classe.

Eu posso ficar dois dias sem dormir, Bonnie pensou decisivamente.

Como se desencadeada por seus pensamentos, as luzes da biblioteca ligavam e desligavam e então repetiam o círculo.

Oh, não! Já são dez horas? E ela realmente precisava de cafeína. Bonnie já estava alcançando a bolsa ao seu lado, quando hesitou.

Seus pressentimentos, como sempre, eram bons. O Sr. Breyer veio caminhando pelos corredores, olhando para as mesinhas de estudo na esquerda e direita.

“Ora — Bonnie! Você continua aqui?”

“Aparentemente,” Bonnie disse com um riso nervoso. Tudo dependia de sua habilidade de atuação agora.

“Bem, mas, a biblioteca está fechando. Você não viu as luzes?” Bonnie havia ouvido dizer que o Sr. Breyer sempre sussurra dentro da biblioteca, mesmo antes de abrir e depois de fechar. Agora ela podia confirmar que era verdade.

“Sr. Breyer, eu gostaria de lhe pedir um favor,” Bonnie disse, olhando para ele o mais comovente que ela podia através de seus olhos castanhos.

“Que favor?” Agora o Sr. Breyer não estava mais sorrindo.

“Eu gostaria,” Bonnie levantou-se, o que pelo menos permitia que ela visse a face do Sr. Breyer, “de ficar na biblioteca durante a noite.”

Sr. Breyer estava balançando a sua cabeça.

“Eu sinto muito Bonnie. Mas a biblioteca fecha as dez sem exceção. Pensa que você é a única a me pedir isso?” Sr. Breyer se endireitou, e murmurou por um momento, como se contasse. “Porque você é o vigésimo quarto aluno a me fazer esta mesma pergunta”. Ele parecia tirar algum conforto da precisão. Ele estava pegando sua mochila para entregar a ela. Bonnie precipitadamente tomou-a, preocupada se iria espalhar. “E eu disse para cada um desses que me perguntou o mesmo que irei dizer a você: A biblioteca fecha as dez, mas amanhã é outro dia.”

“Não, para mim não é!” Bonnie sentiu lágrimas genuínas fluírem em seus olhos e bochechas. “Oh, Sr. Breyer, eu não irei lá fora

até a manhã. Eu ficarei trancada aqui” — com todos os fantasmas e sombras assustadoras, sua mente adicionou involuntariamente. — “mais segura que — qualquer coisa, até amanhã de manhã. Nada poderá me pegar.”

“Mas, pense na sua pobre mãe—”

Bonnie sacudiu sua cabeça. “Ela pensa que estou na casa de uma amiga.”

“Oh, minha nossa” — sob as claras luzes da biblioteca, Sr. Breyer parecia estar considerando. Ele até mesmo sorriu. “Nós costumávamos fazer a mesma coisa quando éramos crianças,” ele murmurou. “Dizer a um dos pais uma casa e ao outro a primeira. ‘Álibi duplo’ nós chamávamos isso, ou às vezes ‘esperteza dupla.’” Ele estava quase radiante.

“Então você me deixará ficar?” Bonnie olhou para ele pateticamente.

“O quê? Oh, não. Não. *Nunca*. Era a coisa mais repreensível de se fazer e fomos capturados e castigados por isso exaustivamente,” Sr. Breyer disse, parecendo como se esta fosse uma reminiscência agradável como a outra.

“Não, Bonnie,” Sr. Breyer disse, “Eu tenho certeza de que você pode fazer alguma pesquisa quando estiver em casa. Há mais na internet do que há em todos esses livros juntos,” Ele disse, movendo a mão aos livros que Bonnie havia espalhado com notas em Post-its em favor de sua teoria sobre Catarina de Aragão. “Mas você deve deixar esta biblioteca *agora*. Imediatamente! Já são seis minutos após as dez de qualquer maneira!” Ele parecia horrorizado com o seu próprio atraso.

Tudo bem. Quando o plano A não dá certo, vamos ao plano B. “Ok, Sr. Breyer, você não pode culpar uma garota por tentar. Me deixe apenas pegar meu lápis, e meu boneco da sorte do Elmo — este é um pequeno boneco de pelúcia que Bonnie sempre leva consigo em expedições de estudo, e exames, “ e eu irei ao banheiro, e irei para casa.”

“Os banheiros estão fechados,” Sr. Breyer olhou o rosto manchado por lágrimas de Bonnie desconfortavelmente. “Mas eles não trancam. Eu suponho que você possa ir.”

“Obrigada, Sr. Breyer,” Bonnie disse, olhando para ele

comoventemente como se este favor fosse tão importante quanto deixá-la ficar a noite toda. Ela colocou a mochila sobre um ombro e deixou a mesinha de estudo. Ela, além disso, deixou uma confusão de papéis amarrotados, esboços de lápis, e velhos copos de isopor que ela sabia que o Sr. Breyer não resistiria e atiraria ao lixo.

Alguns minutos depois, o alegre, “Boa noite, Sr. Breyer,” de Bonnie ecoou pela biblioteca, seguido pelo som da porta da pequena biblioteca fechando. Sr. Breyer disse de volta, “Boa noite, Bonnie.” Ele se certificou, contudo, enquanto fechou a porta dianteira da biblioteca, que o carro verde brilhante que Bonnie sempre dirigia tinha deixado o estacionamento.

Bonnie, que havia se esgueirado de volta após ruidosamente “ir embora” para subir mais uma vez com seu pé em um vaso no banheiro feminino, esperou as luzes se apagarem. Isso exigia uma espécie de coragem que ela raramente era capaz de atingir. Estremecendo, com lágrimas ainda caindo por debaixo de suas pestanas, ela imediatamente quebrou a regra 1 do plano B de ligar a poderosa lanterna que ela tinha na sua mochila sem contar até sessenta. Então a escuridão ficou suportável-quase. Mas ela sabia a rotina do Sr. Breyer por causa das duas últimas noites quando ela postava-se no lado de fora da biblioteca depois de estudar, e ele ia para casa como um relógio biológico.

Logo que ela ligou a lanterna tombou para fora do boxe e acendeu as luzes do banheiro. Isso a fez se sentir bem melhor. E quando ela ligou as luzes na área dos computadores na parte de trás da biblioteca, ela sabia que estava salva.

Vá embora! Disse para uma preocupação que não deixava a parte de trás de sua cabeça. Você conseguiu! Você está bem! Agora tudo o que você precisa é de um pouco de cafeína... ela vasculhou em sua mochila uma garrafa térmica que estava totalmente cheia do café mais forte que ela era capaz de fazer a partir do amontoamento de colheres de cafés instantâneos — e meteu dois Nada de Cochilos para ter certeza enquanto tomava uma golada. Agora, você está pronta para uma longa, longa noite com esses livros de referência. Bonnie tirou seus sapatos, desbloqueou seu computador determinada, e foi para o trabalho.

* * *

Lá fora, haviam duas sombras curvadas sobre algo quebrado e imóvel no chão.

“Você vê?” um deles disse com a voz rouca. “É melhor ir onde as linhas do Poder cruzam o chão. A carne é mais fresca.”

“Vejo,” o segundo disse, e sua voz estava grossa porque sua boca estava cheia de ...alguma coisa. “O alinhamento [\[1\]](#) dá Poder à força vital humana”

“Doce carne — e há uma mais doce esperando lá *dentro*,” riu a voz rouca. “Eu conheço todas as regras desta biblioteca. A pequena ruiva deve sair do prédio antes de amanhecer.”

Houve um ruído. “Depois dessas mortes nós teremos que ir embora,” murmurou a segunda voz. “Eles irão nos caçar com cães; eles nos farejarão.”

“Eles não irão,” a voz rouca respondeu. “Eles podem nos farejar, mas eu comprei uma poção de erva que irá confundir os cães. É muito simples — nós salpicaremos a essência forte quando nós chegarmos a uma multidão. Depois disso todos caminham na porção — e o nariz dos cães fica sobrecarregado.”

A voz ruidosa deu uma grande gargalhada. “Você sabe tanto, irmão! Você sabe tanto sobre cães!”

“Agora cale a boca e me deixe comer em paz. Nós teremos que mover o carro antes que seja tarde demais. É sério.”

A voz ruidosa calou-se. Isto é o mesmo não queria dizer que tinha uma inquieta preocupação na parte de trás de sua mente.

Isso era estúpido. Eles eram lobisomens vagando livremente no mundo humano, em uma cidade em que ninguém os conhecia, ninguém tinha motivo para temê-los, e, além disso, ninguém tinha motivos para suspeitar o que eles realmente eram.

Eles eram invencíveis.

* * *

Apesar do luxo de afundar seus dedos dos pés na grossa pelúcia do carpete (pouco abaixo de um sinal que dizia que os SAPATOS DEVEM SER USADOS TODO O TEMPO), Bonnie teve

um fraco sentimento de mal-estar que não ia embora.

Ele não sabia o que era. Ela sabia — ela podia *sentir* de alguma maneira — que não havia ninguém na biblioteca. Mas mesmo assim, no fundo de sua mente, ela estava inquieta.

No fundo de sua mente — ei, era isso! Toda aquela escuridão atrás dela. Bonnie realmente, realmente odiava escuridão.

Ela conhecia muito bem que as coisas que ela poderia imaginar poderiam sair dela. Embora sua mente racional tenha aceitado que não existem coisas como vampiros, bruxas, lobisomens, e assim por diante, não tinha tanta certeza sobre fantasmas. Ela havia visto alguns fantasmas em sua vida e era difícil rejeitá-los como vestígios de sonhos.

Você nunca deveria ter pegado os livros de espiritualismo, sua mente a repreendeu. Eles lhe deram todo tipo de ideia. Agora em alguma parte oculta você realmente acredita que é psíquica. Graças a *Deus* você não contou a ninguém. O que Caroline e Meredith diriam? O que Raymond, seu atual namorado, diria? O mais importante, o que a *Elena* diria?

Mas a Vovó MacLachlan, que sempre sabia onde encontrar chaves e controles de TV perdidos e quem sempre sabia quando o telefone iria tocar — ela havia olhado gravemente a mão de Bonnie em sua última visita sobre o Atlântico.

“Uma vida cheia de excitação,” ela havia dito, lenta e pensativamente, “mas não uma vida de estabilidade. E você tem a Visão, minha garota. Muito mais que qualquer MacLachlan antes de você. Adicionando os talentos dos McCullough, e — “ Ela havia olhado acentuadamente para Bonnie, que com treze anos de idade preferiria muito mais estar brincando com seus amigos, ou paquerando os garotos. “Você pode compreender o que vos estou a falar, menina?”

Bonnie sacudiu seu largo cabelo ruivo, olhando para cima para os sérios e velhos olhos cinzas que normalmente brilhavam com encantamento sobre seus netos, ou encaravam pacificamente uma distante paisagem. Agora esses olhos cinzas estavam pensativos, preocupados com Bonnie.

“Não,” Vovó havia dito, “Vós não compreende nada sobre isso agora. Mas você irá, minha garota. Enquanto você ainda for uma

mocinha, você irá.”

Bem, Bonnie interrompeu sua própria meditação, eu não tenho tempo para “compreender” aquilo agora. Eu tenho que “compreender” Catarina de Aragão. E eu tenho que trabalhar *rápido*. Ela pegou um livro, e girou para a primeira nota de Post-It cor de rosa que encontrou.

* * *

As figuras que pertenciam à voz rouca e À voz ruidosa estavam deitadas, fartos, mas preocupados em suas mentes.

“Eu gostaria de ver aquela garota de dentro daquele prédio *agora*,” a voz ruidosa queixou-se.

Houve um som de um golpe afiado.

“Você quer arruinar tudo, depois de toda nossa pesquisa?” exigiu a voz rouca. “Você quer quebrar uma janela talvez, acionar um alarme? Bom vá em frente — você não vai ter nenhuma ajuda de mim. *Eu serei* apenas um rosto na multidão. *Você irá* levar toda a culpa pelo rapaz e pela garota.”

A voz ruidosa fungou, “Eu não pretendia fazer nada à biblioteca. Eu apenas queria farejar nas portas e janelas.”

Houve o som de outra bofetada, e de um choramingo. “Eu conheço os seus faros,” rangeu os dentes a voz rouca. “Eles acabam em arranhamentos e bisbilhotamentos e vidros quebrados, e então você diz, “Bem já que a janela já está quebrada, eu irei entrar. Idiota.”

Por um tempo não houve nenhum som exceto de um osso sendo estilhaçado e de uma sugação enquanto a essência era removida.

“Dessa baneira nós dos meteremos em encrenca?” a voz ruidosa perguntou finalmente. O golpe para o dono do nariz não foi apenas doloroso, mas incapacitante. Quem poderia farejar com o nariz cheio de sangue coagulado? O roedor o esfregou cuidadosamente.

“Eu tinha avisado você e avisei! Nós estaremos na próxima cidade — diabos, no próximo estado antes de darem falta da garota. Nós teremos muito tempo para correr!”

Houve uma pausa e então a voz ruidosa disse lentamente, “Mas — quem virá abrir a biblioteca? Há um alarme —”

“A mulher, seu idiota! Em *dias de semana*, o homem vem primeiro e abre as portas. No *fim de semana* a mulher vem e abre. Depois do amanhecer ela virá e nós teremos ambas ela e a garota. Nós faremos a mulher abrir a porta; levamos à força ela e a garota para o nosso carro. Vivas ou mortas, elas virão com a gente, e nós estaremos a salvo em algum lugar distante antes que alguém sinta falta delas. Nas sextas-feiras não há muitos estudantes que vem direto vir à biblioteca.”

Houve uma pausa. Então, quase timidamente, o roedor disse, “Bas e se alguém fier com a bulher?”

“Dividir e conquistar. Não seria a primeira vez que nós pegaremos três.” O rosnador estava claramente cansado de perguntas.

“Bas. . .”

“Mas, mas, mas! É melhor ser uma boa ou eu irei chutar o *seu* traseiro!”

Um momento de pausa, então, lentamente “Bas.... o homem trancou a porta. Ele deve ter a mesma chave que a bulher. Nós devemos ser capazes de desligar o alarme. Então nos poderemos ter a garota por” — houve um som sugadouro e de algo sendo bebido, como um canudo alcançando o fundo de um copo — “por horas. Agora. Nós poderíamos jogar.”

Houve uma longa pausa e então a rouca e rosnada voz falou novamente. Mas parecia menos aborrecida, até mesmo um tanto menos irritante enquanto respondia, “Não é uma má ideia. Isso pode significar que nos teremos que desistir da mulher—”

“Mas a garota!” O lobisomem com a voz ruidosa arquejou. “Ela seria tão doce... e nós podemos jogar no escuro...” Houve um som de saliva.

“Tudo certo! Tudo certo!” a voz rouca arquejou. “Mas primeiro nós temos que encontrar as chaves, Sr. Figurão.”

“Eu já as encontrei!” O roedor ganiu triunfante. “Foi assim que eu bensei sobre tudo isso. Nós deveríamos Mudar?”

“Nós ficaremos assim, parcialmente mudados,” o rosnador disse e gargalhou sua risada rouca. “Quando ela nos ver assim irá ficar louca de medo.”

O roedor riu sua baixa e rosnada risada. “Nós podemos brincar

de mocinho e bandido. Ela irá correr direto para os nossos braços.”

“Ela irá gritar,” despejou o rosnador, “Gritar e implorar. Nenhuma ajuda virá. Nenhuma ajuda.”

Ele tomou a chave do roedor e eles entraram quietos e nas pontas dos pés na biblioteca. Então ele colocou a chave na porta.

* * *

Tique.

Bonnie não podia ver nada, não conseguia ouvir nada da parte frontal da biblioteca, mas ela tinha certeza de ter ouvido um *Tique*.

O que poderia significar? Não tinha nenhuma luz sendo irradiada; tanto de iluminação superior quanto da lanterna, e isso seria a primeira coisa que um professor ou zelador faria, não seria? Ligar algum tipo de luz.

A menos que a pessoa não tenha vindo assegurar as regras da escola. A menos que tenham vindo por *ela*.

Bonnie não acreditava em fantasmas, não realmente. Mas em sua mente havia centenas de portas fechadas, cada um dos quais esconde um bicho papão. Eles eram bichos-papões que ela havia trancado por trás de portas firmes quando era criança, mas à noite — à noite eles tinham o costume de sair.

Assim como os próprios instintos de E então Bonnie, como os de um gato. Na verdade quando o bicho papão destrancava aquelas portas e vinha atrás dela, ela se tornava mais animal que humana. Ela apenas deixava seus instintos levarem-na onde eles queriam.

A iluminação superior apagou.

E os instintos de Bonnie, em dois pulos, levou-a dez passos para a direita. Bonnie caiu de quatro como um gato, agachando.

Alguma coisa pousou em sua cadeira. E havia estilhaçado a cadeira em pedaços.

“Ei, garota — venha por aqui. Há uma saída!” sussurrou uma voz humana. Na verdade, soava como a de um bom garoto, não muito mais velho que Bonnie. Mas Bonnie tinha um pressentimento — isso era muita coincidência; que um bom garoto tenha vindo com um monstro.

Rapidamente, de quatro, ela começou a fugir da voz e da

cadeira. Ela encontrou um canto escuro na seção infantil para se proteger. Ligeira e suavemente como a primavera brotando ela deslizou para debaixo da mesa.

“Você—seu monstro,” a gentil voz dizia. “Leve-me! Apenas deixe a garota fora disso!”

“A carne é doce,” entoou uma voz terrível—um som como um roer de ossos. “Assim como o cheiro do medo tão perto.” Ele começou uma gargalhada insana.

“Eu não tenho medo de você,” a gentil voz disse. Então outro suspiro, “Venha criança. Siga a minha voz.”

Bonnie não se moveu. Não porque ela não confiava na gentil voz—embora não confiasse. Ela não se moveu porque não podia. Seus estúpidos músculos congelaram no lugar.

Meredith estava certa Meredith estava certa Por que Meredith estava sempre certa Mas quando eles encontrarem Bonnie, Bonnie seria uma pilha de ossos polidos e rachados e Meredith só saberia depois que Bonnie acabou fingindo ter se convencido de que passar a noite na biblioteca era uma ideia muito, muito estúpida.

Bonnie era boa em falar rápido — até para ela mesma. Tudo isso passou por sua mente antes dos ecos da gentil voz se esvaírem.

Ela estava encravada na curva agora, embaixo da mesa, protegida de três lados mas, amplamente aberta no quarto lado, E ela não tinha nenhuma arma.

Timidamente , como aranhas que ela enviou apressadas em missões na direção oposta, ela manteve seus dedos longe dela. Ela sabia que o Sr. Breyer e a Srta. Kemp mantinham o que podiam ver na biblioteca imaculado.

Ela também sabia que ambos eram míopes e que havia todo um tesouro de lixo debaixo das mesas da biblioteca.

Depois de um momento sua aterrorizada mão direita entrou em contato com algo que rolou levemente e era alto e curvo e — oh, Deus, era apenas um velho copo de plástico, um dos grandes, claro, McDonald’s Tamanho Extra Grande, mas o que faria contra um inimigo? *Cuidado! Ou você irá sentir a fúria do meu copo de plástico!*

Mas sua trêmula mão esquerda deparou com uma descoberta real. Uma régua. E não qualquer régua, uma de aço. Apressadamente, ela sacudiu o objeto em suas mãos, logo que a doce voz alcançou o

fim da mesa na sua direita. “Rápido,” ele sussurrou, “pegue a minha mão *agora*.”

Não havia maneira de Bonnie pegar sua mão, *já*, mas em especial não agora que a voz dele tinha assumido uma pegajosa e desagradável qualidade, como se ele tentasse não salivar.

“Nós estamos aqui!!!!,” disse uma voz ruidosa da esquerda. Parecia vir cada vez mais perto e perto, quase no mesmo passo que a voz gentil.

E então houve um som vindo da mesa.

Tique.

O barulho soou da direita dela.

Tique.

O barulho soou da esquerda dela.

Como pedaços afiados de ossos ou garras dando pancadas no topo da mesa.

Tique.

Tique. Tique.

Os barulhos estavam próximos.

Ok. Não havia chance para Bonnie escapar da verdade agora. Havia duas *coisas* no escuro com ela, e elas estavam chegando perto e mais perto, e ela mal conseguia ver fora entre as duas cadeiras infantis que ela tinha passado antes de ficar debaixo da mesa. Alguma coisa estava estranha, ela percebeu repentinamente. Quando ela lançou-se debaixo da mesa, ela não fora capaz de ver de modo algum—havia sido um cego instinto de fuga. Agora ela podia ver, ainda que apenas vagamente, das janelas altas da biblioteca. Isso significava que agora ela podia turvamente ver a saída.

Mas ela podia apostar que as duas coisas podiam enxergar muito melhor no escuro que ela. Eles sabiam exatamente onde ela estava. E esse pressentimento foi assustadoramente confirmado quando o próximo *tique* veio de trás de uma cadeira—mais baixa que a mesa.

Tique.

Eles encontraram você.

Tique. Tique.

Ainda mais baixo.

Eles podem *ver* você.

Tique. Tique. Tique.

Em um minuto eles vão tirar você da sua única chance de fuga....

Tique. Tique. Tique...

“Saia,” a ‘gentil’ voz disse, e agora não fingia mais ser gentil., mas era sim rosnada e salivada. “Saia e venha brincar... ou devemos ir aí e pegar você?”

CAI FORA! A mente de Bonnie gritou para ela.

“Eu conheço uns jogos divertidos que podemos jogar juntos—”

CAI FORA AGORA!

Bonnie disparou da abertura entre as cadeiras como um coelho em um campo. Enquanto ela o fazia, ela lançou fora as mãos de maneira selvagem, histérica, sem saber o que esperava fazer com o objeto, mas empurrando para fora de qualquer maneira.

Meredith havia certa vez tentado explicar para Bonnie que respostas de pânico como essa tinham um propósito. Quando uma mente consciente não sabe o que fazer, ela recorre ao pânico—experimentando comportamentos que uma mente sã não experimentaria. Isso ocasionalmente resultava na descoberta de um novo e útil comportamento, Meredith disse. Bonnie nunca havia entendido corretamente isso, mas agora ela estava vendo isso em ação.

Quando Bonnie saiu do espaço entre as cadeiras, ela golpeou o copo plástico com toda sua força para a esquerda e aconteceu de pegar o lobisomem roedor com o seu longo focinho fechado. A força do golpe de Bonnie pressionou o plástico na mandíbula do animal.

Com sua mão direita Bonnie deu um golpe com toda a sua força com a régua de aço, acertando o lobisomem rosnador bem no olho. Ele uivou e recuou.

Então tudo ficou branco.

Ficou tudo branco porque alguém—um desses dois monstros, Bonnie pensou—ligou as luzes. Eles não tinham mais nada a ganhar com a escuridão então eles acharam que seria melhor mostrar suas verdadeiras formas.

Bonnie não pôde evitar—não ela realmente *não pôde* evitar—dar uma espiada para trás para ver como era a verdadeira forma deles.

Eles eram repugnantes. E eles eram claramente lobisomens.

Bonnie achava que lobos eram bonitos e que algumas pessoas eram bonitas, mas a criatura que se consegue combinando eles é abominável. Além de serem magros e peludos com longas patas dianteiras e traseiras, suas lindas faces de lobo eram horríveis combinadas com crânios como os de humanos, e olhos que encaravam à frente, como os de uma pessoa. Eles sustentam-se através de um tipo de agachamento, mas Bonnie conseguia afirmar com uma olhada que eles eram fortes, feitos para velocidade. Para caçar. Para matar.

Apenas pelo o momento, contudo, eles estavam quietos.

“Como você fez isso?” um deles exigiu em uma voz rouca. Ele estava olhando com o olho bom para iluminação superior.

O outro não podia dizer nada, embora uma generosa quantidade de espuma branca borbulhasse ao redor de sua boca. Seu longo focinho estava preso profundamente no copo de plástico, e embora os músculos de sua mandíbula estivessem dado uma enorme alavancada para o caminho oposto, para *mastigá-lo*, eles não eram nem um pouco eficientes para abrí-lo. Ele parecia um pouco bobo com o seu focinho no copo, tentando ranger os dentes e morder o plástico, mas ele ainda amedrontava o bastante quando Bonnie viu uma cintilante cor parda diante de seus olhos.

Oh, não, não...

Estava tudo acabado. Ela ia. . .

Ela ia desmaiar.

“Tire desse jeito, idiota,” a voz rouca disse e o primeiro lobisomem caminhou em direção ao outro. Ele fechou sua pata dianteira em torno do copo e puxou. Ele levou algum tempo, já que que o copo tinha ficado escorregadio com a saliva das patadas sem dedão do primeiro lobisomem.

Bonnie viu as pessoas que ela ama passando em sua frente em um piscar de olhos cintilantes que era seu campo de visão: mamãe, e sua irmã Mary, e Meredith e Elena é claro, e Caroline—mais ou menos, e seu namorado Raymond, e Matt Honeycutt, que é um zagueiro tão bonitinho com seu cabelo loiro, e Stefan, o lindo rapaz novo que a Elena está tentando conquistar, e o garoto que senta atrás dela esse ano em sociologia...

“Muito claro,” reclamou o lobisomem que estava fingindo ser

gentil. “Quem ligou a luz?” ele tinha olhos azuis, o que fazia dele ainda mais abominável que o outro. Os olhos azuis eram muito claros para ficarem certos em cima do focinho de um lobo—a erroneidade disso a estava enojando.

“Cale a boca,” rosou o outro. Este tinha garras negras ao invés de unhas e agora ele bateu uma dessas contra uma estante de livros de metal para produzir o som que Bonnie ouviu antes.

Tique.

O rosto dele estava horrendo por causa do machucado que cortou um olho quase na metade e cobriu o tórax de sangue.

“Vá em frente e olhe,” ele disse a Bonnie em sua profunda e lenta rouca voz. “Eu já estou cicatrizando. Você não fez nada, mas me deixou zangado, e eu garanto para você que foi uma péssima ideia. Você irá morrer. . . lentamente. Você irá *implorar* para mim pela morte antes de morrer.”

“Sim, sim, está na hora de começar os jogos,” disse o outro lobisomem, não soando muito são em seu desejoso por sangue.

Tique. . .

“Devagar.”

Os dois lobisomens caminharam na direção dela.

Tique. . .

Os dois lobisomens deram outro passo.

“Doloroso.”

Tique. . .

“Morte.”

Embora todos os instintos de Bonnie dissessem a ela que correr era inútil, ela virou para correr.

E imediatamente foi capturada pela cintura e mantida imóvel.

* * *

“Agora, agora,” Damon disse e agarrou a fugitiva donzela de cabelos vermelhos assim que ela começou a correr além da estante onde ele estava de pé, deixando seus próprios olhos noturnos ajustando se à luz. Eles estavam bem agora, mastinham levado um tempo. “Pronto, pronto.”

Ele saiu, ainda segurando a garota, e então ele deu a todos ao

redor um brilhante sorriso, que ele imediatamente apagou como uma vela sendo apagada com água. “Três pode ser uma multidão,” ele disse para a amedrontada e desfalecente garota em seus braços, “mas quatro é o bastante para uma rodada de Bridge, sim?”

“Seu carrapato sanguessuga—” começou o lobisomem rosnador, assim que Damon deslizou a desfalecida garota cuidadosamente em uma cadeira, espalhando alguns papéis na mesa para ter certeza que ela não machucaria a cabeça se ela desmaiasse. Traumatismos cranianos podem ser perigoso e podem interferir com as habilidades dela de admirá-lo.

“Agora então, deixe-me apenas preparar esses dois por um minuto,” Damon disse para a garota, adicionando, “Cão malvado! Não! Sente!” para os lobisomens. Ele então graciosamente chegou atrás das criaturas antes que elas pudessem se mover e agarrou cada uma com uma mão no cangote. No próximo instante ele estava arrastando eles porta a fora, onde liquidou-os com um rápido aperto no cangote. Eles retornaram as suas formas humanas depois disso, e em humanos desonrosos e cabisbaixos. Seus odores como humanos eram quase tão ruins quanto seus perfumes como lobisomens, e isso era dizer muito. Damon cuspiu algumas vezes limpou sua boca, e endireitou-se e esfregou seu suéter de cashmere preto antes de voltar para dentro para ver sua donzela.

Ela estava fracamente tentando levantar, seus olhos na régua de aço ensanguentada no chão.

“Ora, ora. Pronto, pronto. Ora, pronto,” Damon disse, impedindo ela de chegar à régua. “Você fez um bom trabalho com aquilo, mas não precisa mais dela. Eles estão no céu dos cachorrinhos agora. Bem, inferno dos cachorrinhos, mais provável, mas você não precisa se preocupar com eles, isso é o principal.”

A donzela, que era excepcionalmente deliciosa e bela e tinha, para um vampiro, o mais extraordinário aspecto de todos, um excepcionalmente longo e delicado pescoço, estava olhando para ele sentimentalmente. Isso era bom, que ela era pequena. Damon não se importava muito com garotas altas por que ele mesmo não era muito alto. Ela além disso tinha—você não poderia evitar notar — olhos particulamente grandes em seu rosto em molde de coração, dando a ela a aparência de um gatinho. Eles eram nítidos olhos castanhos,

com um anel negro na parte externa da íris, e depois um anel castanho muito claro, como se uma luz estivesse brilhando através deles no meio, e então outro anel negro ao redor da pupila. Seu cabelo era da cor de um morango e ondulado suavemente sobre sua cabeça de uma maneira que faz você pensar “fada”.

De modo geral, ela era um adorável ornamentozinho, com finas veias azuis numa natural pele translúcida.

Damon sorriu para ela, sem se preocupar em esconder seus longos caninos.

“Oooh,” a donzela arfou, absorvendo Damon desde o cabelo sedoso e escuro até os pés primorosamente calçados em uma olhadela de dilacerar coração. “Ooooooh. *Deslumbrante.*”

“Me desculpe?”

“Eu quis dizer: oooooh, *você me salvou!*”

“Bem, eu ajudei,” Damon disse com um profundo e muito falso senso de modéstia.

“Oooooooh, eles eram monstros.”

“Bem, eles não são perigosos agora,” Damon disse.

“Oooooooh, eles iam me *comer!*”

Damon perguntou-se se ele deveria gemer antes de falar da maneira que a garota falava. Talvez fosse algum tipo de dialeto local. Ele queria deixá-la confortável. “OOH!” Ele disse, um pouco mais violento do que ele pretendia, e a garota sacudiu em seus braços, seus olhos castanhos tornando-se enormes. “Sim, eles iam,” ele concordou atentamente.

“Oh, meu Deus,” disse a garota, esquecendo o “ooooh” totalmente. “Quem é você? Você não tiraria vantagem de uma garota desamparada numa hora dessas, tiraria?” ela adicionou, e fechou seus olhos.

“Oh, bem, talvez apenas um pouco,” Damon disse jovialmente, olhando as adoráveis veias lavandas no pescoço dela.

“Ooooooooooh.”

Damon permaneceu olhando desamparado para a donzela, observando desconfortavelmente que ela pesava quase nada em seus braços, que sua pele habilidosa tinha o fulgor do brilho de bebê, e que de modo geral ela parecia muito mais com uma criança do que com uma donzela afinal de contas.

Ele limpou sua garganta.

Os olhos castanhos se abriram. Eles não eram apenas extraordinariamente grandes, mas ao invés largos separadamente, dando um infantil olhar à sua dona.

“Sim?” ela disse, parecendo desapontada, o qual nada fazia aos caninos de Damon.

“Ah,” ele disse. Ele tentou conceder um pouco da maciez da noite à sua voz. “Hm. Você sabe o que essas duas coisas eram?”

“Ooooooh, sim. Eles eram ooooooh lobisomens.” Ela estremeceu.

“Então você encontra muitos lobisomens por aqui?”

“OooooooooooooOOh! Não!”

“Ah,” disse Damon, que saltou um pouco no fim deste lamento. “Bem. Eles são definitivamente criaturas da —”

“—ooooooh, noite!”

“E, ah, você sabe conhece alguma criatura da noite?”

“Ooooh, lobisomens e vampiros e bruxas e fantasmas e demônios e sucubus, e incubus^[2] e maus elfos e duendes e, oooh, bichos-papôese o fantasma das luzes, e ooooooh—”

Damon pulou o estratégico lamento. “Ok, entende isso, volte para o começo, o segundo nome.”

Os olhos castanhos saltaram e as pupilas dilataram com medo, então a garota lançou olhares rápidos ao redor da sala e em direção ao teto.

“Br-bruxas?” ela gaguejou. “Eu conheço uma—conhecia uma—essa não era má afinal. Ela era minha avó e ela sabia quando ela estava para morrer porque ela me mandou meu presente de aniversário um mês antes e o—”

“Pare!” disse Damon. A garota tinha uma voz particularmente melodiosa e ouvi-la não era um grande desafio—era como ouvir um rouxinol ou um maçarico, mas ele tinha que chegar ao seu propósito. “Bruxas era o terceiro da lista, na verdade. Havia alguma coisa antes disso.”

“Não,” a ruiva disse, “Lobisomens e bruxas e vamp—” Ela parou, colocou um pequeno e delicado dedo sobre a sua boca. “Vamp—piros?” ela finalizou, com um pequeno trago no meio da palavra.

Damon sentiu alívio instantâneo. Eles chegaram a algum lugar! Ele sorriu novamente, brilhantemente.

A garota com cabelos-de-morango olhou para o sorriso dele. Ela olhou para ele cuidadosamente. Damon estava feliz por ter dominado os desafios linguísticos e manteve o sorriso por bastante tempo, quase um segundo inteiro.

Justo quando ele desfez o sorriso, a ruiva parou de examiná-lo. Damon sabia quando ela o fez, precisamente, já que seus cílios alvoroçarem de uma maneira que sua bisavó teria aprovado, seu rosto tornou-se branco como mármore, e seu corpo ficou mole, mandando sua cabeça morango-encaracolada em um curso de colisão com o chão de madeira.

Era preciso reflexos sobrehumanos para agarrá-la antes que seu pequeno corpo batesse no chão, a cabeça primeiro, mas felizmente Damon tinha isso. Ele pegou a pequena ruiva passarinha quase no instante que ela começou a cair, agarrando ela ao redor de sua minúscula cintura e... mais uma vez eles estavam como no início, com ele segurando ela, mas desta vez a adição da inconsciência dela. Ele olhou ao redor em busca de algo para colocá-la em cima e estava começando a fazer uso de uma mesa de estudo quando os cílios dela tremeram novamente, ela gemeu molemente, e então acordou.

“Oooh, é apenas você—é você!” ela exclamou, indo da tranquilidade ao terror em apenas um décimo de segundo. Ela lutou debilmente para sair dos braços dele. Uma vez que a meta dela iria fazê-lo parar de costas no chão, Damon não deixou que ela a alcançasse.

O cabelo vermelho A ruiva também estava Tateando seu longo e delicado pescoço — um pescoço de bailarina, se ele alguma vez tivesse visto um—perfeito para *o Lago dos Cisnes*—“Eu sou ...? Você...? Você já...?” ela perguntou à ele.

“Nunca. Eu nunca tiraria vantagem de uma donzela dormindo.” Porque eu não gosto de com carne fria e não receptiva, Damon pensou. O calor, o vibrante prazer, assim como a força de vida de um excelente banquete como esse era para ser resguardado, não disperso com ela dormindo.

A garota estava palpitando nos braços dele agora como um animal ferido, com o caçador bem perto. “Ao menos—você me salvou—daqueles monstros. *Eles* teriam me torturado.”

Olhando para ela, na maneira que ela agarrava a pequena cruz

dourada em seu pescoço, na maneira que ela olhou para cima para o céu que ainda era iluminado apenas pela luz da lua, na maneira que ela levou uma mão em sua direção como se fosse para pegar o intocável salvador, Damon ficou estupefato. Havia algo de ... surreal em todo aquele momento.

E então ele percebeu que aquilo era exatamente o que era isso. Irrealidade. Ela estava fazendo um quadro, uma pintura em tela. Um poderia até pensar em um nome para isso facilmente: A Donzela e o Vampiro, ou, mais poeticamente, O Último Toque para a Luz. Se apenas, ele pensou, escravizado pelo que viu em sua mente, ela estivesse usando uma ondulada camisola branca que estivesse deslizando pela lateral de um brilhante ombro, e a janela fosse uma antiga de madeira arredondada. Que momento! Que retrato! Que donzela!

O único problema era que ela era uns dois ou três anos muito nova. Emocionalmente. Mentalmente.

Até mesmo, ele percebeu, com sua magreza comprimida contra ele tão inflexível, fisicamente.

Ele não jantava crianças. E em nenhum caso...

“Neste momento o que é você está imaginando que eu irei fazer?” ele perguntou a ela ironicamente.

Ela fechou seus olhos e segurou suas mãos sobre seus seios. Uma atriz nascida e uma namoradeira se ele alguma vez tivesse visto uma. “Tomar—meu sangue,” ela disse em um tom de partir coração de humilde aceitação.

“E neste momento quanto você imagina que eu esteja precisando?”

“Quantos quartilhos^[3] de sangue há na corrente sanguínea?” Sua donzela esqueceu-se de parecer como uma virgem sacrificada e colocou uma articulação em uma covinha em uma bochecha, como se para esfregá-la profundamente. “Heh,” ela disse embaraçada, o ânimo interrompido, “Eu não sei.”

“Bem, eu nem ao menos preciso de um quartilho disso,” Damon disse, sentindo-se particularmente decepcionado. “E de qualquer maneira, eu não tirarei isso de você.”

“Você não vai!” a donzela exclamou indignada. “Por que não? Somente porque Meredith e Caroline e Elena todas têm mais—

mais...”—ela estava traçando uma espécie de ampulheta com ambas as mãos—“Mais no topo, já? *Eu estou ganhando isso também! Eu completei dezessete anos a dois dias atrás! Se você me visse vestida apropriadamente, você saberia!*”

Agora o ânimo estava completamente arruinado, para Damon. E ainda assim ele —ele de jeito algum deixaria qualquer outra impensada criatura da noite fazer uma refeição dela agora que ele havia salvo ela.

“Junte as suas coisas,” ele disse de mau humor.

“Por quê?” A donzela despejou de volta, desafiando.

“Porque eu levarei você para casa, sua pequena louca idiota. O que você estava fazendo sozinha em um imenso prédio como esse onde ninguém vive?”

“Eu estava estudando! Eu tenho um trabalho!”

“Bem, se não fosse por mim, você estaria estudando na vida após a morte agora e não se esqueça disso.”

“Bem, eu não me importo!” a donzela—não, a *pequena garota* disse, começando a chorar. “Você não—soluço— conhece meu professor de história—soluço. Ele riu de mim—soluço—na frente de todos!”

“Estes são o pior tipo,” Damon disse, lembrando de sua humilhação por anos do Signore Lucca. “E sempre depois de você ter ido à uma festa e sua cabeça estar doendo.”

“Oh, você *entende*,” a garota virou-se para ele, soluçando, e colocando sua cabeça nos ombros dele.

“Que período você está procurando? E que país?” Damon disse, um pequeno risco em sua boca levantando.

“Inglaterra e Espanha, em torno de 1533—os anos antes, os anos depois.”

“Bem, o que você sabe?” Damon disse, mais uma vez reluzindo o seu mais brilhante sorriso —aquele que transformava garotas em poças trêmulas—ao redor da sala. “Eu acredito que eu poderia ser hábil para ajudar você com isso. Veja eu estava por lá nesta época—mais ou menos—e o que eu não vi eu ouvi através de boatos. Eu sempre digo que se não vale à pena fofocar sobre isso, então não aconteceu.”

Amanhecendo. Bonnie, mais ou menos sonâmbula, estava sendo ajudada para fora de seu carro e a mochila apertada em seus braços.

“Agora lembre-se de estar surpresa quando eles encontrarem três pessoas mortas na biblioteca—especialmente o pobre sujeito que eles transformaram em uma pilha de ossos.”

Bonnie estremeceu e seus olhos abriram-se castanhos e sentimentais. “Você me salvou de ter acontecido a mesma coisa comigo.” Ela parecia com um pequeno pássaro vermelho, com enlameada plumagem vermelha estendida para cima por todo o seu cabelo.

“Bem— não se preocupe sobre isso,” o garoto disse, mais uma vez tentando parecer modesto. “E lembre-se de digitar todas as partes que eu escrevi, mais não se surpreenda do por que você está fazendo isso. Isso é *necessário*.”

“Muito necessário,” Bonnie concordou em um resmungo, e então eles estavam na porta da frente dela. “Muito obrigada—oh, *muito mesmo!*” Depois disso ela ficou na ponta dos pés, fechou seus olhos e mirou seus lábios no garoto sem medir a distância.

Houve uma longa pausa e então o mais leve, quente e trêmulo acariciar de lábios sobre os dela. Foi o mais doce beijo que ela jamais teve—e o mais sexy.

“Bem, boa noite, então—passarinha,” a voz disse e Bonnie abriu os olhos para olhar longa e profundamente dentro das compreensíveis piscinas negras, e então ela estava sozinha. Completamente sozinha. Por alguma razão ela olhou em volta e confirmou isso. Lá estava o carro dela, ordenado e paralelamente estacionado—ela estava pegando o jeito disso—mas ela estava sozinha e ... e ... bem, claro que ela estava sozinha! Ela tinha dado um jeito nisso—de estudar à noite sozinha na Biblioteca Robert E. Lee, e nada fora do seu normal aconteceu. Claro, tinha lhe dado medo ver o carro do Sr. Meyer em sua casual vaga no estacionamento, mas ele deveria estar substituindo Sra. Kemp—e começando a chegar notavelmente mais cedo, também.

Apesar de tudo, ela tinha tido inacreditável boa sorte de não

ter esbarrado em nenhum dos bibliotecários!

Agora ela não poderia esperar para contar a Elena e Meredith e Caroline o que ela havia feito. Tudo sozinha! Ela mesma mal conseguia acreditar nisso! Ela afagou a sua mochila. Mas aqui estava a prova. *A Consciência da uma Rainha* era o melhor trabalho de história que ela já havia escrito e ela estava indo passar o dia todo preenchendo as partes do esboço. Isso poderia até dar à ela um A!

Alguma coisa profundamente no fundo de sua cabeça disse a ela para dar uma olhada atrás dela.

Ela olhou, mas não viu nada mais que um magnífico corvo preto voando de uma galho para o dia amanhecendo.

* * *

Damon elevou se nos ares para cima e fora, olhando a vizinhança tornar-se um retalho debaixo dele, e sob isso, para olhos atentos ao Poder, o alinhamento que cruzava e re-cruzava aqui, seduzindo todo tipo de seres, desses repugnantes lobisomens ao seu irmãozinho Stefan.

A razão para Damon estar rodando agora era simples: ele estava com fome. Ele tinha sido hábil em não ter explorado as veias da pequena ruiva passarinha. Ela era simplesmente muito jovem, muito—inocente—para ser mordida ao acaso daquele jeito.

E, diabos, a despeito—há!—de ter passado uma noite inteira com ela, ele nem ao menos perguntou o seu nome. Ele provavelmente nunca saberia—não, espere! Ela escreveu naquele primeiro pedaço de papel. O título da página, ela tinha chamado isso. O sobrenome era escocês ou irlandês ou alguma coisa que ele não conseguia lembrar, mas o primeiro nome ele lembrava.

Era Bonnie.

Doce pássaro cantador Bonnie, pensou Damon, fazendo a volta e circulando para o outro lado.

Que pena que ele nunca mais a veria de novo.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Bruna Santos (Comunidade Traduções de Livros)



[1] No original ley-lines, referente a alinhamentos hipotéticos de um número de lugares geograficamente interessantes, como monumentos e magálitos antigos.

[2] É um demônio que toma a forma de uma mulher muito atraente para seduzir os homens (embora a parte atraente seja uma invenção moderna, historicamente succubis são muito feios), em sonhos de ter relações sexuais. Seu homólogo masculino é incubus quando o demônio masculino seduz a mulher adormecida.

[3] Medida de capacidade que equivale a 0,57 litros.